

A IMPORTÂNCIA DO TEMA MORTE NO CURSO DE PSICOLOGIA

Lizele Boeira Carlos¹

Rejane Dutra Bergamaschi²

RESUMO

O presente trabalho foi realizado com o intuito de abordar a compreensão do acadêmico de psicologia do Centro Universitário Unifacvest, tem sobre a morte e o morrer, através de um questionário estruturado aplicado junto aos estudantes da 4ª a 10ª fase. Foram entrevistados 114 acadêmicos o que equivale 55% de todo o curso de psicologia. Teve como objetivo demonstrar a importância de estudar e ampliar a discussão sobre a morte no meio acadêmico, como meio de aprimorar conhecimento técnico e teórico, bem como o enfrentamento pessoal diante desta temática. Como resultados, observou-se três categorias de respostas, sendo elas: Tanatologia; Preparo emocional e técnico do acadêmico de psicologia para lidar com o tema morte; Educação para morte. Conclui-se que trazer a reflexão do pensar sobre o fim como algo inerente à existência, faz parte do papel do psicólogo. O estudante de psicologia deve evitar o senso comum e ter uma carga de conhecimento teórico sobre a tanatologia, e a educação para morte e de grande importância, pois visa discutir, refletir, questionar e até mesmo confrontar os valores sobre o fim da vida, evitando algum tipo de ansiedade ou até mesmo uma negação que o aluno possa vir a ter sobre o tema.

Palavras-chaves: Morte, Psicologia, Tanatologia, Acadêmicos.

ABSTRACT

The present work was carried out with the aim of approaching the understanding of the psychology academic of the University Center Unifacvest, about death and dying, through a structured questionnaire applied to the students of the 4th to 10th phase. 114 academics were interviewed which equates 55% of the entire psychology course. It aimed to demonstrate the importance of studying and expanding the discussion about death in the academic world, as a means of improving technical and theoretical knowledge, as well as the personal confrontation in this area. As results, three categories of responses were observed: Tanatology; Emotional and technical preparation of the psychology scholar to deal with the topic of death; Education for death. It is concluded that bringing the reflection of thinking about the end as something inherent in existence is part of the role of the psychologist. The student of psychology should avoid common sense and have a theoretical knowledge load on tanatology, and education for death and of great importance, as it aims to discuss, reflect, question and even compare values about the end

¹ Acadêmica da 10ª (décima) fase do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFACVEST.

² Psicóloga; Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFACVEST. Mestre em Ambiente e Saúde pela Universidade do Planalto Catarinense – (UNIPLAC). Especialista em Avaliação psicológica pela Faculdades de Ciências Sociais Aplicadas – (FACISA/CELER).

of life, avoiding some kind of anxiety or even a denial that the student might have about the subject.

Keywords: Death, Psychology, Thanatology, Academic.

INTRODUÇÃO

Durante o processo de graduação é estudada a relação do homem com o mundo, sendo que a morte faz parte deste contexto. A morte, talvez por se tratar de um assunto complexo e abrangente, muitas vezes é vista como tabu. De modo lento ou abrupto, ela propõe ao homem o desafio de pensar na sua própria condição, a consciência da existência finita, à mercê da fragilidade da vida.

Bel (2006, p. 4) questiona até que ponto fomos expostos à visão negativa que a sociedade moderna tem da morte e como fomos marcados por ela. A morte é uma ideia que formulamos de acordo com nossa individualidade, ambiente social, cultural e religioso e educação familiar. Nossa perspectiva de morte está contaminada. Então, temos de revê-la. Se nos centralizarmos nela, vamos perceber que muito do conceito é contraditório.

Se não houvesse morte, não haveria renovação e nem evolução. Ao longo dos séculos, nossa atitude diante da morte mudou radicalmente, Áries (1990) aponta que nós aprendemos na nossa cultura a evitar a dor e a perda fugindo da morte, criando lacunas onde pensamos estar nos esquivando dela, deixando de crer na nossa própria finitude. Para Bromberg (2000), a morte tem vários significados, pois é multifacetada, composta por fatores predeterminantes de ordem cultural, histórica, ética, religiosa e psicológica.

A discussão sobre a morte e o processo de expiração da vida é essencial para formação do psicólogo, o profissional possivelmente, terá contato com a perda e depois a questão do luto. O termo “luto” refere-se à experiência pessoal de perda, segundo Freud (1915 *apud* Edler, 2012), o luto é o afeto que emerge quando perdemos alguém muito amado ou algo que para nós é precioso. O luto é, portanto, um trabalho de elaboração que pode ser bem ou mal sucedido. Um luto bem elaborado culmina com o resgate da libido: a volta à disponibilidade para amar e investir no mundo.

Arantes (2016) complementa que, o luto é um processo que sucede a perda de um vínculo significativo, em que a experiência de perder alguém importante nos tira a

percepção de que temos controle sobre a estabilidade, sobre a segurança do nosso mundo “presumido”, sobre nossa ilusão do controle.

Junqueira e Kovács (2008, p. 511) fazem uma crítica à formação do psicólogo, sobre a falta de espaço para reflexões sobre o tema da morte, embora já existam algumas iniciativas em nível de graduação, pós-graduação e extensão. Em uma pesquisa na abordagem qualitativa com alunos da Universidade Federal de Rondônia, as duas autoras constataram que parece haver uma negação da morte no currículo do Curso de Psicologia. “É preciso considerar que se está preparando profissionais para o mercado de trabalho, no qual estarão em contato constante com a morte, nos consultórios, hospitais, escolas ou nas empresas”.

Neste contexto, Junqueira e Kovács (2008) fazem uma importante observação onde a grade curricular do curso de Psicologia em questão não favorece o contato de professores e alunos com a morte e o morrer. Isso demonstra que há um despreparo para lidar com as questões profissionais e pessoais em relação ao tema.

Faraj et al. (2013) realizaram um estudo sobre o que tem sido publicado pelos profissionais da psicologia sobre a temática morte. A revisão sistemática de literatura foi realizada entre os anos de 2002 a 2012. Ao fim da pesquisa foi constatado que há poucos estudos a respeito de como a temática da morte é abordada em cursos de graduação. Ficou enfatizado a relevância desse tema para futuras pesquisas a fim de contribuir com as alterações nos currículos acadêmicos, já que se entende que a morte faz parte da vida dos indivíduos e, sendo assim, deve ser falada e discutida.

Diante do exposto, o presente estudo objetivou pesquisar e compreender a complexidade da construção do tema morte no curso de psicologia, abordar o preparo acadêmico dentro do curso de psicologia para falar sobre a morte, e suas implicações na formação profissional, como objetivo geral, demonstrar a importância de estudar e ampliar a discussão sobre a morte no meio acadêmico, como meio de aprimorar conhecimento técnico e teórico, bem como o enfrentamento pessoal diante desta temática.

MÉTODOS

Foi adotado como norte a pesquisa quali-quantitativa ou métodos mistos, as autoras Bruggemann; Parpinelli, (2008, pg. 564) afirmam que: “a combinação dos métodos qualitativos e quantitativos produz a triangulação metodológica, que, numa

relação entre opostos complementares, busca a aproximação do positivismo e do compreensivismo.”

Flick (2004) destaca que, a diferença dos métodos quantitativos e qualitativos possibilitam mais fidedignidade e autenticidade aos resultados encontrados, evitando o reducionismo à apenas uma opção.

Neste estudo participaram acadêmicos do Curso de Psicologia do Centro Universitário Unifacvest. Foram entrevistados no total 114 alunos de um universo de 210 alunos, que frequentam da quarta a décima fase do curso. O questionário foi aplicado dentro da instituição, a partir desse levantamento de dados, foi constatado que a média de idade dos acadêmicos de psicologia é entre 20 a 23 anos, o que equivale 57% dos entrevistados e, 88% dos acadêmicos declararam que seu estado civil é solteiro (a). Enquanto 71% residem em Lages- SC, posteriormente cidades próximas como Vacaria – RS (8%) e Curitiba – SC (9%). Foi observado que 50% dos acadêmicos se dedicam exclusivamente aos estudos.

Para atingir os objetivos previstos nesse estudo, foi utilizado um questionário estruturado com perguntas abertas e fechadas, que foi realizado junto aos acadêmicos participantes da pesquisa, com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, anteriormente explicado pela acadêmica e assinado pelos participantes.

A coleta de dados ocorreu de forma coletiva, em sala de aula, durante o período noturno e com a duração média de 20 minutos, após uma apresentação da proposta da pesquisa e orientação de preenchimento do instrumento.

As perguntas aplicadas foram: **1)** O tema morte é abordado no curso de psicologia? Sim, Não, Às Vezes. **2)** Os professores abordam o tema da morte em sala de aula? Sim, Não, Às Vezes. **3)** Você já participou de alguma palestra, cursos, ou aula sobre a morte e o morrer? Sim, Não e Por quê? **4)** Você considera que o curso de psicologia está lhe preparando tecnicamente para lidar com a morte e o morrer? Sim, Não, Talvez e Por quê? **5)** Você se sente preparado emocionalmente para lidar com a morte e o morrer na sua futura carreira como psicólogo (a)? Sim, Não, Talvez e Por quê? **6)** Na sua opinião, como deveria ser abordado este tema em sala de aula?

DISCUSSÃO

Para análise do resultado da pesquisa, será utilizada a análise de conteúdo como forma de identificar e compreender a percepção dos alunos referente a morte. Para Campos (2004) trata-se de um método muito usado na análise de dados qualitativos, entendida como um conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca do sentido de um documento.

Também para Silva (2005 *apud* Câmara, 2012) a aplicação da técnica de análise de conteúdo nas ciências sociais é uma ferramenta útil à interpretação das percepções dos indivíduos. O papel de interpretação da realidade social configura ao método de análise de conteúdo uma importante função como instrumento de análise na pesquisa qualitativa.

Seguindo a análise dos resultados, a partir do questionário foram encontradas as seguintes unidades temáticas: 1) Estudo da Tanatologia, 2) preparo emocional técnico do acadêmico de psicologia para lidar com o tema morte, 3) Educação para morte.

Categoria 1: Estudo da tanatologia

No questionário realizado com os alunos de psicologia, 13 entrevistados afirmam que uma disciplina específica seria a melhor forma de abordar o tema.

“ Deveria ter uma matéria sobre o tema, pois é algo que não podemos evitar e a maioria das pessoas não estão preparadas para passar, vamos receber muitos casos assim. ” - Acadêmico da 9ª fase.

“ Aulas com pontos de vista diferentes, aprofundando o tema e conhecendo as várias formas de ver a morte e o morrer. ” - Acadêmico da 10ª fase.

“ Deveria ser um tema mais abordado indiferente da abordagem, pensando também em poder ser uma disciplina por conta de ser algo complexo. ” - Acadêmico da 9ª fase.

“ Deveria ser bem mais abordado e aprofundado com créditos à mais de disciplinas específicas sobre o assunto. ” – Acadêmico da 9ª fase.

Em seus estudos Kovács (2008) definiu que, a tanatologia é uma área de estudo da compressão da morte e o morrer, incluindo diversos campos de atuação como cuidados

paliativos, o processo de luto antes e depois da morte, suicídio e a eutanásia. A tanatologia vai além de estudar a morte, e sim de todas as formas que ela acontece.

A médica psiquiatra Elisabeth Kübler-Ross foi a pioneira em produzir obras dedicadas a reflexão sobre a morte e o acompanhamento no fim da vida. Suas obras são um referencial para a conscientização social da morte. Entre elas está o livro *Sobre a Morte e o Morrer* (2012), que vem sendo um referencial de estudo para todos que tem interesse nessa área. Nesta obra ela traz a reflexão da negação social da morte, a importância dos cuidados paliativos para doentes terminais e o acompanhamento da família do paciente terminal.

Segundo Kübler-Ross (2012, p. 22), “encarando ou aceitando a realidade de nossa própria morte, poderemos alcançar a paz, tanto a paz interior como a paz entre as nações”. Durante seu curso sobre a morte e o morrer, os estudantes que frequentavam, passavam pelo processo de reflexão da própria finitude e sua atitude perante ela. Para Afonso e Minayo (2013, p.2732) “Kubler-Ross permitiu o debate mais aberto sobre nosso maior medo e única certeza: a morte”.

Para 18 entrevistados a melhor forma de abordar o tema morte e o morrer e de forma natural é trazendo vivências reais.

“ A única certeza que temos é a morte e mesmo assim dificilmente temos estrutura emocional para perder quem amamos. Acredito que deveríamos partir desse pressuposto: A morte é certa. ” – Acadêmico da 6ª fase.

“ De forma natural, pois é inevitável. Usando exemplos cotidianos para que todos se familiarizem com o tema. ” – Acadêmico da 4ª fase.

“ A morte é um processo natural a qual todos vão passar um dia, com isso na sala de aula deveria ser mais aberto com conversas e debates sobre o assunto. ” – Acadêmico da 10ª fase.

Segundo Stillion (1989, *apud* Kovács 2008 p. 466) “ A importância de se formar educadores habilitados para criar e oferecer cursos de Tanatologia com os mais variados temas. ” Procurando habilitar profissionais competentes nessa área, o estudo da tanatologia se faz no cotidiano, de forma natural envolvendo comunicação, relacionamentos, perdas, situações limites, que podem acontecer a qualquer momento.

“ Tratar do assunto naturalmente, como qualquer outra matéria... Ao meu ver a morte faz parte da nossa vida, ela não deveria ser tão negligenciada. ” – Acadêmico da 10ª fase

A Tanatologia se torna uma possibilidade relevante para a compreensão e atuação frente aos aspectos que envolvem tal processo. Esse campo de saber deve ser estudado e compreendido além da proposta de auxílio unicamente para quem está diretamente diante da morte, mas também divulgado para toda a população, uma vez que este fenômeno, atualmente, não se encontra mais apenas em cemitérios, hospitais ou na família que mora ao lado; mas se apresenta na mídia, nas notícias de violência que circulam ou na que se assiste diretamente, ao vivo. (LIMA; PARANHOS; WERLANG, 2010 p.227)

Figueiredo; Stano (2013) A disciplina da Tanatologia, é desconhecida da grande maioria dos estudantes, mais ainda é preciso estabelecer em conjunto e com profundo respeito às dificuldades dos alunos. A delicadeza e a sensibilidade são instrumentos indispensáveis para essa caminhada, porque se trata de reflexões que aproximam os envolvidos aos enigmas insondáveis da vida e da morte.

CATEGORIA 2: PREPARO EMOCIONAL E TÉCNICO DO ACADÊMICO DE PSICOLOGIA PARA LIDAR COM O TEMA MORTE.

Nesta categoria, 61 entrevistados não souberam responder se estão preparados emocionalmente para lidar com o tema morte. França e Botomé (2005), complementando o estudo da Kovács (2003), sobre a educação para morte, abordam a questão que o profissional da saúde, nem sempre vai estar preparado para lidar com a morte. Essa dificuldade os leva a pensar na sua fragilidade, e na sua própria finitude. Cresce a necessidade de profissionais de Saúde e Educação, que passem por uma formação que lhes permita enfrentar o processo de morte com uma melhor preparação para, efetivamente, contribuir para amenizar o sofrimento diante desse fenômeno.

“ Me sinto pouco preparada, pois o tema é muito forte e abala muito a todos. ” – Acadêmica da 8ª fase

Para Azeredo, Rocha e Carvalho (2011, *apud* Oliveira e Santos 2017) é fato que a morte e o morrer são temas explorados no ensino da graduação, na maioria das vezes, a

abordagem é exclusivamente técnica, asséptica, focada somente na conduta profissional a ser tomada no momento da morte. Enquanto 62 entrevistados também não sabem dizer se o curso de psicologia está lhe preparando tecnicamente para falar sobre a morte.

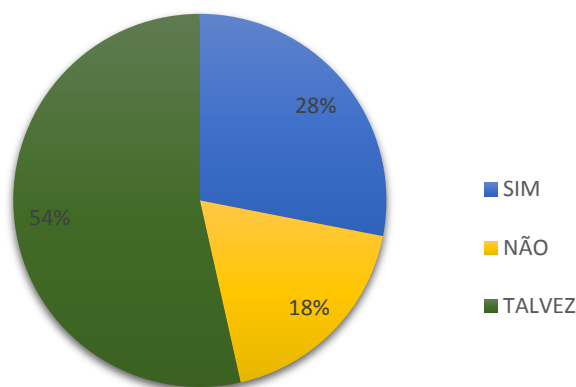
“Acho que não é o suficiente, deveria ter aulas específicas, matérias e palestras com mais frequência.” – Acadêmico da 8ª fase.

“Não existe uma matéria que aborde especificamente o tema, e isso acaba acarretando em uma certa falta de saber o que fazer nesses momentos.” – Acadêmico da 10ª fase

“Pois mais que o tema seja abordado, não é enfatizado ou estudado profundamente.” – Acadêmico 4ª fase.

“Deve ser mais falado em sala de aula, sobre o que fazer ou falar.” – Acadêmico da 8ª fase.

VOCÊ SE SENTE PREPARADO EMOCIONALMENTE PARA LIDAR COM A MORTE E O MORRER NA SUA FUTURA CARREIRA COMO PSICÓLOGO (A) ?

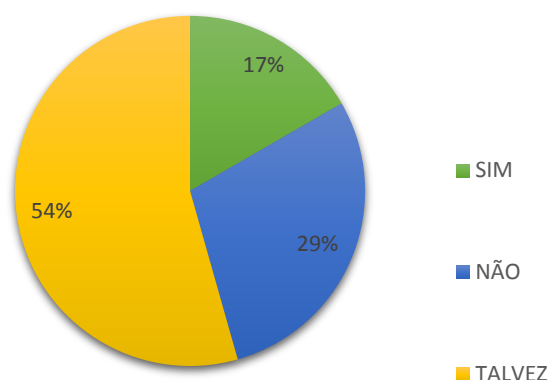


Dados coletados pela autora – 2018

Kovács (2005, p. 495) constata, em instituições de saúde e educação, que falta um preparo de seus profissionais no trato para com a morte. “Perguntamo-nos como é possível que os cursos de Psicologia e outros da área da saúde não tenham disciplinas que abordem o tema”. A segunda questão traz um contraponto, é saber se os estudantes e os

jovens profissionais querem, de fato, preparar-se. Por se tratar de um assunto complexo, a falta de informação sobre o tema traz mais dificuldade em lidar com a morte.

VOCÊ CONSIDERA QUE O CURSO DE PSICOLOGIA ESTÁ LHE PREPARANDO TECNICAMENTE PARA LIDAR COM A MORTE E O MORRER ?



Dados coletados pela autora -2018

Para Combinato; Queiroz (2006, p. 215), caberia à psicologia, a compressão dos aspectos emocionais e simbólicos presentes na manifestação desse fenômeno. “Somente assim, poderia a Psicologia contribuir com uma assistência de melhor qualidade ao indivíduo, à sociedade e ao ser humano diante da experiência da morte. ”

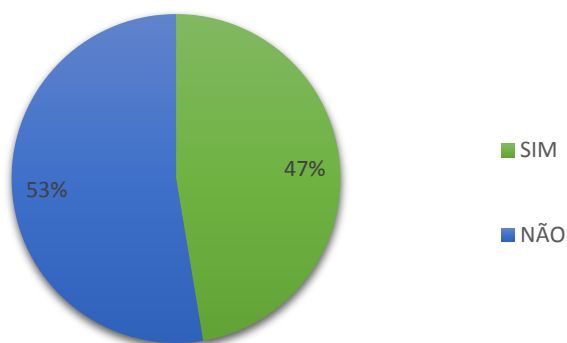
CATEGORIA 3: EDUCAÇÃO PARA MORTE

Nesta categoria, 60 entrevistados responderam que não participaram de palestras ou cursos sobre a morte e o morrer, e 54 entrevistados disseram que sim, isso denota um equilíbrio. “ Não tive oportunidade”, 36 sujeitos responderam nessa categoria quando questionados porque não participaram. Enquanto 21 entrevistados responderam que o tema já foi abordado em sala de aula. Acadêmicos que já estão no final do curso possuem mais informações sobre o assunto, quando comparado com acadêmicos que estão ainda entre a quarta e a oitava fase do curso.

“Nunca tive a oportunidade, pois desde que iniciei a graduação, não tive um curso com tal assunto. ” – Acadêmica da 6ª fase

“Foi estudo em psicologia hospitalar, que abordava sobre esse tema. ” – Acadêmico da 10ª fase.

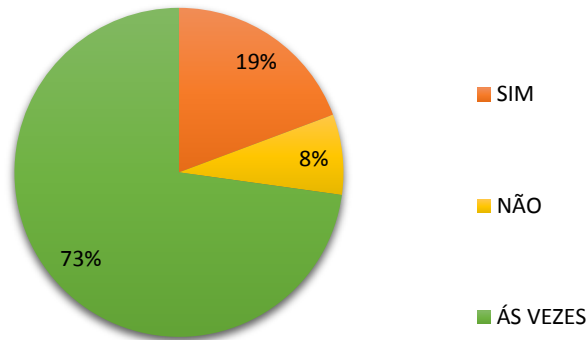
VOCÊ JÁ PARTICIPOU DE ALGUMA PALESTRA, CURSO, OU AULA SOBRE A MORTE E O MORRER ?



Dados coletados pela autora -2018

O Instituto de Psicologia da USP oferece a disciplina optativa Psicologia da Morte, onde trazem reflexões abrangendo aspectos cognitivos e afetivos sobre os temas abordados em relação à morte. A vários motivos que levam a busca dessa temática pelos alunos entre elas: a ordem pessoal e que abrangem compreensão, interesse, curiosidade e formas de enfrentamento da morte. Outras respostas se relacionam à formação e atuação de profissionais para cuidados a pessoas enlutadas, envolvendo a busca de informação sobre práticas psicológicas (KOVACS, 2016)

OS PROFESSORES ABORDAM O TEMA MORTE EM SALA DE AULA?



Dados coletados pela autora -2018

“ Discussão de questões como medo, luto, perda, tratamento paliativo (mediante iminência de morte), desconstrução da palavra morte e seus sentidos. ” – Acadêmico da 6ª fase.

“ Acredito que deveria ter rodas de conversas, onde os alunos colocaram suas opiniões e sentimentos em relação à morte, para assim se forem trabalhar em um hospital, por exemplo, esteja preparando para lidar com a morte. ” – Acadêmico da 10ª fase.

“ Através de discussões e rodas de conversa em grupos, esses montados por alunos e professores, os quais compartilhariam suas experiências com o tema. ” – Acadêmico da 10ª fase

Segundo Oliveira e Santos (2017), Cursos de Educação para a Morte têm sido sugeridos como uma tentativa de preencher um espaço importante da formação acadêmica na área da saúde, trazendo à reflexão temas que, frequentemente, são negligenciados no ensino, como o processo de morrer, atitudes frente à morte, cuidados paliativos, luto do profissional, dentre outros.

Quintana et al. (2006), em seu trabalho sobre sentimentos e percepções da equipe de saúde frente ao paciente terminal, concluiu que à situação de terminalidade é, de fato, muito difícil para a equipe de saúde. Grande parte das dificuldades de lidar com o paciente

terminal está relacionada à da equipe de saúde de se confrontar com a morte, que se aconselha um preparo das mesmas através de grupos de discussão, propiciar momentos para discutir as questões da morte e do morrer, tanto no meio acadêmico quanto hospitalar, proporcionando a elaboração dos medos e fantasias da equipe de saúde frente ao desconhecido que essa questão envolve.

Educação para a morte é abertura para sentimentos em relação ao tema e disponibilidade para ouvir a experiência de familiares, pacientes e amigos. Cursos, palestras e atividades, que permitam esta abertura, são formas de preparo, favorecendo a reflexão sobre atitudes frente à morte, no âmbito pessoal ou profissional. Também podem levar à diminuição do temor frente à morte e permitir que alunos e profissionais se sintam instrumentalizados para enfrentar situações vinculadas à morte. (KOVÁCS, 2016, pg. 415)

Para Esslinger I (2004 *apud* Brêtas; Oliveira; Yamaguti 2008). Os alunos têm a preocupação com seu desenvolvimento profissional, em que o educar para o final da vida passa pela possibilidade de cada um avaliar sua disponibilidade interna, seus valores, conceitos, preconceitos em relação à morte, ao morrer e também com relação as suas experiências pessoais de perdas, morte e luto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do presente estudo foi possível compreender a percepção que os acadêmicos de psicologia têm sobre a morte e o morrer. Levando em consideração que durante o processo de graduação é estudada a relação do homem com o mundo, sendo que a morte faz parte deste contexto. A morte, talvez, por se tratar de um assunto complexo e abrangente, muitas vezes é vista como tabu.

De modo lento ou abrupto, ela propõe ao homem o desafio de pensar na sua própria condição, a consciência da existência finita, à mercê da fragilidade da vida. É preciso aceitar a morte, afinal, é ela que nos leva a pensar no sentido da vida. A morte é um tema generalizado que envolve a incompreensão, o fascínio do além como algo desconhecido e temido ao longo da existência humana. O homem sempre terá receio em refletir sobre esse fenômeno que não tem controle.

Trazer a reflexão do pensar sobre o fim como algo inerente à existência, faz parte do papel do psicólogo. O estudante de psicologia deve evitar o senso comum e ter uma

carga de conhecimento teórico sobre a tanatologia, para que possa agir em sua futura vida profissional de forma esclarecida.

Quando o preconceito de falar sobre a morte for superado, vamos encontrar um meio delicado e ao mesmo tempo direto para sondar este tema que desperta receios tanto em nossa cultura como em nossa vida pessoal. Foi possível observar que os acadêmicos de psicologia, pouco tinham refletido sobre o tema antes, de como esse tema poderia ser relevante na sua futura profissão, e de como essa falta de preparo poderia lhe afetar na sua vida pessoal.

Vale ressaltar que muitos não souberam dizer se estão preparados para lidar com esse tema, isso denota uma falta de subsídios do curso de psicologia para essa questão, e também uma falta de subsídio emocional individual, para lidar com esse tema da morte e do morrer, é de grande importância que haja educação para morte no curso de psicologia, pois visa discutir, refletir, questionar e até mesmo confrontar os valores sobre o fim da vida, evitando algum tipo de ansiedade ou até mesmo uma negação que o aluno possa vir a ter sobre o tema.

Diante do exposto, pode-se afirmar com segurança que cursos, palestras e atividades que permitam essa reflexão sobre a finitude no âmbito profissional e pessoal são uma forma de preparo que o curso pode oferecer. Foi de grande importância realizar essa pesquisa, concluiu com o intuito de estimular novos estudos para essa área de atuação como Psicólogos. Esse tema possibilita uma grande aprendizagem na vida profissional e pessoal.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Selene Beviláqua Chaves; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Uma releitura da obra de Elisabeth Kubler-Ross. **Ciênc. Saúde coletiva**. [online]. Rio de Janeiro. V. 18, n. 9, p. 2729-2732, setembro. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232013000900028&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 de junho de 2018.

ARANTES, Ana Claudia Quintana. **A morte é um dia que vale a pena viver**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2016.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias**. Trad. de Priscila Vianna de Siqueira. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

BEL, Cesar. **Superando o preconceito de falar sobre a morte**. In._____. FIGUEIREDO, Marco Tullio de Assis et al. Coletânea de textos sobre Cuidados Paliativos e Tanatologia. São Paulo: [s.n.], 2006. p.4-7.

BROMBERG, Maria Helena P. F. **A Psicoterapia em situações de perdas e luto**. – Campinas: Livro Pleno, 2000.

BRUGGEMANN, Odaléa Maria; PARPINELLI, Mary Ângela. Utilizando as abordagens quantitativa e qualitativa na produção do conhecimento. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo , v. 42, n. 3, p. 563-568, Sept. 2008 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342008000300021&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 07 outubro de 2018.

CAMARA, Rosana Hoffman. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. Gerais, **Rev. Interinst. Psicol.** [online]. Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 179 - 191, jul. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198382202013000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 de Junho de 2018.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev. bras. enferm.** [online]. Brasília , v. 57, n. 5, p. 611-614, Oct. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003471672004000500019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 de Junho de 2018.

COMBINATO, Denise Stefanoni; QUEIROZ, Marcos de Souza. Morte: uma visão psicossocial. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal , v. 11, n. 2, p. 209-216, Aug. 2006 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2006000200010&lng=en&nrm=iso>. access on 09 Nov. 2018.

EDLER, Sandra. **Luto e Melancolia: à sombra do espetáculo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FARAJ, Suane Pastoriza et al. Produção científica na área da Psicologia referente à temática da morte. **Psicol. rev.** [online]. Belo Horizonte, v. 19, n. 3, p. 441-461, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167711682013000300008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 9 de Junho de 2018.

FIGUEIREDO, Maria das Graças Mota Cruz de Assis; STANO, Rita de Cássia M. T.. O estudo da morte e dos cuidados paliativos: uma experiência didática no currículo de medicina. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro , v. 37, n. 2, p. 298-306, June 2013 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022013000200019&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 09 novembro de 2018.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FRANCA, Maria Dulce de; BOTOME, Silvio Paulo. É possível uma educação para morte? **Psicol. estud.** [online]. Maringá, v. 10, n. 3, p. 547-548, Dez.2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000300024&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 de Maio de 2018.

JUNQUEIRA, Maria Hercília Rodrigues; KOVACS, Maria Júlia. Alunos de Psicologia e a educação para a morte. **Psicol. Cienc. prof.**, [online]. Brasília, v. 28, n. 3, p. 506-519, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 de Junho de 2018.

KOVACS, Maria Julia. Curso Psicologia da Morte: Educação para a morte em ação. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo , v. 36, n. 91, p. 400-417, jul. 2016 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2016000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 09 novembro de 2018.

_____. Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto , v. 18, n. 41, p. 457-468, Dec. 2008 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2008000300004&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 09 novembro de 2018

_____. Educação para a morte. **Psicol. Cienc. prof.** [online]. Brasília, v. 25, n. 3, p. 484-497, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932005000300012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 de junho de 2018.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiros, religiosos e aos seus próprios parentes.** 9ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

LIMA, Gabriela Quadros de; PARANHOS, Mariana Esteves; WERLANG, Blanca Susana Guevara. Contribuições da Tanatologia no processo de morrer. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, v. 1, n. 2, p. 220-230, dez. 2009. ISSN 2175-5027. Disponível em: <<https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/31>>. Acesso em: 09 novembro de 2018.

OLIVEIRA, José Rodrigo de; BRETAS, José Roberto da Silva; YAMAGUTI, Lie. A morte e o morrer segundo representações de estudantes de enfermagem. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo , v. 41, n. 3, p. 386-394, Sept. 2007 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342007000300007&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 10 novembro de 2018.

OLIVEIRA-CARDOSO, Érika Arantes; SANTOS, Manoel Antônio dos. Grupo de educação para a morte: uma estratégia complementar à formação acadêmica do profissional de saúde. **Psicol. Cienc. prof.**, [online]. Brasília, v. 37, n. 2, p. 500-514, junho, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932017000200500&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 de Junho de 2018.

QUINTANA, Alberto Manuel et al . Sentimentos e percepções da equipe de saúde frente ao paciente terminal. **Paidéia** [online]. Ribeirão Preto, v. 16, n. 35, p. 415-425, dez. 2006 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2006000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 de Maio de 2018.